

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A acção do cinema

Não é necessário, porque é inútil, encarecer a influência do cinema na vida moderna. Ela é de tal modo evidente, que se torna supérfluo apontá-la. Já outro tanto, não sucede, porém, com as características dessa influência. É boa? É má? Eis o problema que nos propomos analisar nestas breves linhas, e, portanto, sumariamente, como contém a simples artigo do jornal.

Misto de arte e de engenho, só possível graças às audácias criadoras da ciência, gizado, realizado e aperfeiçoado por gerações de sábios, técnicos e artistas, cada um dos quais introduzindo-lhe minudências de

Nova participação, desta vez para a estrada de Seramil — 650 contos

Um após outras, numa sequência admirável, as participações continuam a chegar, atestando aquilo que afirmamos tantas vezes — é um esforço como, reservadas as proporções, não se verifica em parte alguma.

Desta vez são 650 contos para a estrada de Seramil, a última freguesia que não tinha estrada.

Enquanto isto decorre uns tantos passam o tempo a semear o boato, a inventar faltas, a denegrir. Nós vamos escrever, perdemos o tempo, mas a verdade é que nem todo tem sido perdido, por encontrarem alguma audiência precisamente nos lados em que há mais obrigação em saber discernir — e não sabem. Parece até haver predilecção em tudo que seja deprimido «os nossos», mesmo no nosso meio e nas nossas reuniões, ao serviço de desmedida ambição de um orgulhoso, a que se não de ver obrigados a pôr o cõbro.

Entretanto o Concelho continua a receber os benefícios dos que trabalham.

uma precisão matemática, e foi paulatinamente conduzindo ao esplendor em que hoje se encontra, bem merece a simpatia e até a justificada admiração que lhe tributam, pois é realmente, um dos mais maravilhosos inventos do homem.

O cinema deve merecer, assim, o condicional aplauso de todos os amantes do progresso. É dizemos condicional, porque só é útil na medida em que contribui para o bem geral, elevando a cultura do cidadão ou operando até como simples entretenimento, porque é indiscutível que o cinema tanto pode ser elemento benéfico ao serviço do bem, como corrosivo ao serviço da desordem. Tudo depende, enfim, do sentido em que for aplicado, o que, de resto, se pode observar em todos os inventos ou descobertas.

A desintegração do átomo pode pôr à disposição do homem incalculáveis fontes de energia criadora de vida... mas também pode, se cair em mãos assassinas, arrazar cidades inteiras, transformando-o no mais terrível e feroz covão da Humanidade. Tudo depende, de facto, em última análise, do próprio homem, pois é ele,

não há dúvida, que cava a sua própria ruína na medida em que, tão insensatamente, procura transformar-se em corpo sem alma, em farol sem luz, em simples mastigador de pó, abolindo a caridade, o amor fraternal e o sentido universal do justo e do belo das suas preocupações constantes.

Concluimos, portanto, pela afirmação de que o cinema é uma das mais maravilhosas realidades do nosso século. No entanto, como reconhecemos que o vírus do mal pode ser projectado através do cinema, parece-nos que é também necessário combater o uso contraproducente que dele porventura se fizer. A dificuldade está só (e não é pequena tal dificuldade, deve confessar-se) em determinar quando é que está ao serviço da cultura geral, da civilização, no sentido em que os humanistas a definem, e que não deve ser outro senão o do bem da espécie, pela elevação e dignificação da personalidade humana, não do homem abstracto, do homem bicho, de um qualquer homem máquina, mas dum homem com coração e com alma, dum homem justo, sereno, forte e bom.

UM PRINCIPE

na mina de carvão

Li há dias a notícia de que um príncipe espanhol, D. Carlos de Bourbon-Parma, de 32 anos, filho mais velho de D. Javier, pretendente carlista, trabalhou durante 25 dias numa mina de carvão das Astúrias, como mineiro, sob nome falso.

Queria o príncipe saber como é efectivamente a vida dos mineiros: saber por experiência própria e não por informação alheia.

Para conseguir o lugar, inscreveu-se na secção de empregos da Universidade, que todos os anos, nos meses de verão, proporciona empregos aos estudantes que desejem experimentar a vida dos mineiros, dos pescadores, dos pedreiros, dos metalúrgicos, dos operários dos diferentes ramos.

Durante 25 dias, teve o príncipe a vida normal de um mineiro. Levantava-se às seis

horas da manhã e trabalhava até às duas e meia da tarde, à profundidade de duzentos metros. Comia na cantina dos mineiros. As noites, passava-as no dormitório comum, juntamente com oitenta camaradas de trabalho na mina. Nem estes, nem os directores, nem os engenheiros das minas, ninguém suspeitou de quem era realmente aquele operário, que, de resto, trabalhava bem: — depois de terminada a experiência, um operário desbastador referiu-se-lhe com estas palavras:

— Ele queria saber tudo e aprendeu bem o trabalho.

Aos domingos, o operário Javier Ipina — tal era o nome que encobria o príncipe — ia com os camaradas mineiros a bailes ao ar livre, na aldeia próxima, e divertia-se com eles. Por sinal que, certa vez, ao dirigir-se a uma rapariga mais

João Falcato entrou na literatura e no jornalismo com uma reportagem vivida — «Fogo no mar». Sem esse dramático episódio da sua vida talvez nunca se tivessem revelado o reporter «double» de escritor — ou o escritor «double» de reporter. Porque João Falcato é, ao mesmo tempo, ottimo escritor e reporter perfeito, mas inseparavelmente, quando, em regra, se o reporter se mantém ligado sempre ao escritor, já o escritor se desliga, com frequência, do reporter, para ir por outros caminhos...

Angola enfeitiçou João Falcato. É terra de feitiço, aquela. Quem alguma vez se lhe apróxima fica preso para sempre.

Com este, já são dois os livros que João Falcato consagrou ao primeiro «Angola do meu coração». «As raízes de Angola» se intitula o que acaba de sair — e que o lápis de Julio Gil soube ilustrar encantadoramente, com a graça e com a delicadeza que lhe são peculiares.

Aqui, às curiosidades do reporter somaram-se, todavia, curiosidades de etnógrafo, pe-

lo que não têm apenas valor descritivo, mas também científico, estas crónicas em que narra usos, costumes, trações, lendas, crenças, tabus e superstições das tribus indígenas de Angola, desde os cabindas no extremo Norte aos bochimanos e mucubais no extremo Sul e desde as gentes da Lunda longinqua — lundas, quicocos, e luenas — aos povos do litoral em contacto estreito com o branco há mais de quatro séculos. Crónicas invariavelmente escritas com aquela simplicidade que é o segredo principal do estilo de Falcato. E eu acrescentaria mesmo: sem literatura — se literatura, afinal, não fosse e da melhor. Mas há literatura e literatura: a espontânea, que não se procura nem se fabrica, que brota naturalmente — e a outra...

com olhos atentos para esses povos que vivem ainda longe daquilo a que chamamos civilização, mesmo quando exteriormente, pela indumentária, já parecem civilizados — e não se limitou a colher o que na sua vida há, para um europeu, de pitoresco, de singular ou de bárbaro; quis também compreendê-los.

Não será, em todo o caso, fácil tarefa conseguir recuar no tempo os séculos necessários para compreender, por exemplo, o que é a vida e o que é o universo de um bochimano, tão atrozado socialmente que ainda não saiu do estádio do clã familiar para o da tribo e cuja existência decorre em nossos dias ainda nos mesmos moldes em que decorria a de toda a humanidade no período final da idade da pedra.

Pena foi que João Falcato encontrasse já aldeados, já arrancados ao nomadismo ancestral — e decerto que também já mestiçados, pelo menos culturalmente, com os bantus — os bochimanos de que se aproximou.

Ir até aos bochimanos que erram ainda sem destino, em pequenos núcleos familiares de cinco, seis, sete pessoas, pelas vastidões desérticas do Sul de Angola, com as suas redes e as suas primitivas armas de caça, dormindo sem a protecção de qualquer espécie de choça ou palhota e comendo toda a espécie de bicho, desde as cobras aos gafanhotos

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRICOLA

Rega dos Citrinos Calendário de tratamentos para os meses de Abril e Maio

Em plena época de rega dos pomares de citrinos afigura-se-nos oportuno fazer algumas considerações acerca da maneira como entre nós é realizada tão importante operação cultural.

Pode-se afirmar que, salvo raras e honrosas excepções, a grande maioria dos nossos pomares de citrinos é escassa e erradamente regada, mesmo nas regiões em que, por ser tradicional a cultura, seria lógico esperar que se regasse com uma certa perfeição.

Com efeito, não é só insuficiente a quantidade de água atribuída a cada árvore, como é errada a forma de distribuição geralmente adoptada.

Não pode, como é evidente, apontar-se números rígidos que fixem a quantidade de água necessária para cada rega, como não pode marcar-se antecipadamente o número de regas precisas para cada pomar. São tantos e tão variáveis os factores condicionantes daqueles números que seria estultícia pretender fixá-los à sua variação pode oscilar do simples para o dobro. Se em determinadas condições 400 metros cúbicos de água são suficientes para uma rega de um hectare de laranjal, um volume duplo daquele pode não bastar para a rega de igual área de outro laranjal implantado em diferentes condições. O problema reveste aspectos com contrastes ainda mais flagrantes quando se refere ao número médio de regas por ano.

A natureza do terreno, a sua profundidade, a exposição do pomar, o compasso das árvores, o clima local, o método de cultura, o sistema de rega e outros factores mais é que condicionam não só a quantidade de água a fornecer em cada rega, mas determinam também o número de regas a aplicar. O conhecimento destes factores é que deve orientar o citricultor de forma a que ele regue bem e na devida oportunidade.

Entre nós, em geral, iniciam-se tardiamente as regas e, por outro lado, repetem-se com intervalos exageradamente longos.

Baseados no falso mas infelizmente generalizado princípio de que os citrinos «querem ser regados a desejo» quase todos os nossos citricultores só pensam em iniciar as suas regas quando as árvores denunciam sede através da deformação que as suas folhas apresentam. Esquecem-se ou ignoram, que essa deformação resulta da falta de um equilíbrio que deixou de existir entre a absorção de água pelas raízes e a sua saída para a atmosfera

através das folhas. Esquecem-se ou ignoram, que esse desequilíbrio provoca uma profunda alteração nas funções que os diversos órgãos da planta executam e que daí resulta necessariamente um forte abalo na vida da árvore.

Por isso as regas devem iniciar-se logo que o tempo começa a aquecer, logo que se pressente que a terra está prestes a perder a humidade suficiente para compensar a transpiração das folhas, isto é, antes que se produza o desequilíbrio que citámos.

Uma vez iniciadas há que repeti-las com a abundância e a frequência que for necessária, tendo sempre em atenção os factores próprios de cada pomar a que já fizemos referência.

Se a quantidade de água por rega e a frequência com que estas se repetem têm uma fundamental importância na vida do pomar, não menor importância tem o sistema de rega adoptado.

Exceptuando um ou outro pomar regado pelo sistema moderno sistema de aspersão — sistema que aliás não nos propomos por agora criticar — pode-se dizer que a quase totalidade dos nossos pomares é regada por caldeiras.

Todos conhecemos este tão vulgarizado sistema em que a água é conduzida através de regadeiras, em geral abertas na terra entre duas filas de árvores, para umas caldeiras circulares, mais ou menos pequenas, limitadas por uma parede ou cômodo de terra levantada em volta da árvore nunca muito distanciada do seu tronco.

Com este sistema, tão enraizado nos hábitos culturais dos nossos citricultores, pode-se afirmar que a rega se faz onde menos interessa fazê-la...

De facto, as raízes por que se alimenta a árvore, as chamadas raízes pastadeiras, estão localizadas numa zona, afastada do tronco cerca de 40 a 80 cm, que abrange uma parte da projecção da copa e que se estende para o exterior desta até uma distância maior ou menor conforme o desenvolvimento da árvore e a natureza do terreno. À medida que a árvore se desenvolve as pastadeiras vão-se expandindo sempre para a periferia, distanciando-se cada vez mais do tronco. Ora o tipo de caldeira usado entre nós é um pequeno círculo disposto em volta do tronco e que raras vezes abarca sequer a projecção total da copa. Compreende-se assim que deste modo apenas se irriga uma parte das raízes pastadeiras, indo a restante água infiltrar-se junto do

tronco e da zona adjacente, na qual se encontram as raízes que suportam a árvore mas que não a alimentam e que até mesmo por uma questão de defesa sanitária interessa manter em ambiente quanto possível seco.

Na generalidade dos casos não se dispõe entre nós de caudais que permitam regar por outro sistema que não seja o das caldeiras. Por isso nos dispensamos de apreciar aqui outros, mas não queremos deixar de preconizar uma modificação nesse velho sistema de forma a aproveitar melhor a água de que se dispõe.

Levante-se em volta de cada árvore uma caldeira um pouco mais pequena do que aquela que é vulgar fazer-se nos nossos pomares, com um raio de 40 a 80 cm, e arme-se, concêntrica com esta, uma outra cujo raio exceda para o exterior, tanto quanto possível, a projecção da copa. É o espaço compreendido entre os cômodos das duas caldeiras que deve ser irrigado, pois é aí que se situa, nessa coroa circular, as raízes absorçoras pelas quais a árvore se alimenta e que consequentemente necessitam ser regadas.

Em muitos pomares será impossível armar a caldeira externa para além da projecção da copa visto que, pela proximidade das árvores, as copas estão praticamente unidas umas às outras. Mas mesmo nestas condições é de aconselhar a prática da dupla caldeira, ainda que a exterior tenha que ter a forma quadrada ou rectangular sendo então o lado de cada quadrado ou rectângulo o cômodo comum a duas caldeiras contíguas.

O conhecimento prático que já possuímos dos resultados obtidos nalguns pomares em que se introduziu a alteração aqui preconizada não nos deixa dúvidas acerca das vantagens deste sistema assim modificado.

Pomóideas

(Macieiras, pereiras, etc.). Os meses de Abril e Maio são decisivos para a obtenção de uma boa produção e há que contar com um programa intensivo de tratamentos para tal se conseguir. O pedrado pode provocar estragos gravíssimos principalmente em primaveras chuvosas. Combate-se, antes do ataque se verificar (tratamentos preventivos) por meio de calda bordaleza, enxofres molháveis, oxiclreto e óxido de cobre, zinebe, TMTD, captano, manébe, zirame, etc.

Os insectos e ácaros atacam por vezes intensamente durante este período. São de temer, principalmente em anos de contra safra, os ataques de hoplocampa sobre peras. Combate-se esta praga desde antes da floração com insecticidas de paratião, diazinão, malatião, dimetoato, tiometão, etc. Todos estes insecticidas combatem também os afídeos ou piolhos e certas cochonilhas como a de S. José.

Os ácaros são de temer principalmente para o fim do período em referência e combatem-se nessa altura, com insecticidas sistémicos como o dimetoato, tiometão, fosfamidão, etc. ou com os enxofres molháveis usados contra o pedrado. Também para o fim do período se devem efectuar os primeiros tratamentos contra o bichado recorrendo a insecticidas de DDT, arseniats, sevina, gusatião, etc.

Prunóideas

(Pessegueiros, damasqueiros, etc.). A moniliose ou melia das flores e a lepra do pessegueiro, o crivado das folhas (que muito desvaloriza os frutos) e cujas consequências se verificam nestes meses combatem-se com fungicidas de TMTD ou zirame segundo esquemas já referidos.

Os afídeos ou piolhos combatem-se com os insecticidas sistémicos já apontados para as pomóideas ou com aficidas de acção directa.

Os graves ataques precoces de mosca do mediterrâneo podem ser combatidos com certos sistémicos segundo esquemas em estudo. Devem consultar-se para o efeito os organismos oficiais ou uma boa casa da especialidade.

Citrinos

São de temer para as variedades em produção os ataques de mosca do Mediterrâneo principalmente ao Sul do Tejo. Os tratamentos com dieldrina ou DDT devem ser acompanhados por um técnico agrícola pois podem provocar o incremento de outras pragas como os cochonilhas. A formiga argentina deve ser combatida durante o mês de Maio com insecticidas de clordana ou dieldrina. Não devem ser efectuados tratamentos com óleos durante este período mas pode recorrer-se sempre que necessário aos insecticidas organofosforados para combater afídeos ou larvas recém-nascidas de cachonilha H ou «grão de pimenta».

Hortícolas

É muito vasto o número de doenças e pragas que atacam as diversas culturas hortícolas durante este período. Como já o dissemos, só podem ser dadas indicações de ordem geral. Todas as lagartas que atacam a folhagem e frutos podem ser combatidas recorrendo a insecticidas clorados (DDT, dieltrine, lindano), carbâmicos (sevina) ou fosforados (paratião, diazinão, etc.) para eliminar os afídeos recorre-se aos fosforados sistémicos ou não. Os ácaros a temer durante os períodos quentes são susceptíveis a acaricidas específicos (kelthane, PCPCBS, etc.) ou a acaricidas sistémicos, bem como aos enxofres molháveis.

As doenças que atacam a folhagem e os frutos são na sua maioria provocadas por fungos e os esquemas de tratamento devem incluir consoante a cultura, oxiclretos de cobre ou óxido de cobre, zinebe, manébe, zirame, TMTD, enxofres molháveis, captano, etc., isoladamente, em alternância ou em misturas.

Nos tratamentos das culturas hortícolas o processo de distribuição de calda é muito importante. Deve prestar-se atenção aos molhantes usados, quantidade de calda por hectare, uso correcto dos atomizadores e ao intervalo entre as aplicações.



FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

AMARES

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Estamos no tempo das férias. Digo-vos isto por ver gente a passear, despreocupados, algumas e alguns bem tisonados pelo sol. Por mim, posso dizer-vos que há vinte e dois anos vivo sem ter férias. E, coisa paradoxal, a principal lei que me rege dá-me dois meses de férias!... Mas, tenho de estar no meu posto, ou pagar a quem me substitua... Enfim, deixemos gozar as férias, tisanar a pele nas praias arenosas do mar, aos felizardos de grossas rendas, e aos assalariados onde chegaram já os benefícios das novas leis sociais, garantidoras das aposentações e das férias pagas. Eu ir-me-ei contentando com as férias sem pagar e a aposentação no reino dos céus... enquanto não há mudança.

Política em Amares

Não sou político nem gosto dos políticos. Digo-vos estas coisas, mas não fiquei pensando que odeio os políticos. Não! Amo-os e soro-os por amor de Deus... a dizer-vos que os amava como a mim... mas, pensei a tempo e não quero mentir, pois tenho ouvido dizer que a caridade bem ordenada começa por nós... Se disserdes, pois, que me amo mais a mim que aos políticos dizeis a verdade. Posso, contudo, garantir-vos que amo mais os políticos de Amares do que eles uns aos outros!... Todos lutam pelo poder, directa ou indirectamente: Alguns lutam por bairrismo, talvez com algum excesso, mas bem intencionados; alguns com razões objectivas, outros por razões sentimentais, todas dignas do nosso respeito, embora nem todas possam ser atendidas. Outros porém lutam por capricho, mesmo contra o interesse da própria terra e até mesmo contra o interesse da maioria da população do concelho. Mas que importa o interesse da maioria ou o bairrismo para os que se movem por capricho, para quem só a verdade conta? Sabemos que o ódio político não perdoo e não estremece até mesmo perante o crime. Não admira pois que alguns políticos, sobretudo da Feira Nova, se aliassem aos inimigos desta povoação e com esta sua atitude prejudicassem os interesses da sua terra e das regiões, sul, poente, noroeste e norte do concelho. Para estas regiões concelhias, que não a grande maioria do concelho de Amares, convinha que as repartições públicas tivessem na área da Feira Nova. Mas quando as paixões humanas entram na luta,

a razão, a coerência e até mesmo o bem comum ficam muitas vezes na sombra. É o caso presente. Coisa parecida acontece com a distribuição do correio em Lago. Quando, há já vários anos, se organizou a distribuição domiciliar do correio neste concelho, a freguesia de Lago ficou excluída de qualquer giro. Quais as razões? Ignoro-as. Contudo, por diversas vezes, e também diversas entidades, procuram encontrar o remédio, agindo perante as entidades competentes. Os resultados foram iguais a zero. Tenho a impressão de que, além da natural indolência daqueles que tanto ganham servindo mal como bem é possível haver mão secreta a minar o desejo e interesse de todos os habitantes de Lago. O motivo desta minha suspeita é o facto de todas as freguesias, em volta desta, estarem servidas enquanto nós esperamos, e sofremos estas faltas na justiça distributiva. Vós sabeis o que é a «senhora Justiça Distributiva»? Sois capazes de não saber!... Mas sentis-vos irritados quando os outros são atendidos e vós ficais à espera... tempo indefenido? É pior ainda quando tendes direito de preferência e são preferidos outros, não é verdade? Pois então já sabeis que dar a cada um conforme os seus merecimentos, no tempo e no espaço, é uma imposição dessa virtude a que chamamos Justiça Distributiva. Grande virtude, imprescindível nos homens da governação e administração públicas, bem como em todos aqueles que exercem influência na escolha desses homens e na sua formação. Não se aplicando nos problemas diários da vida administrativa é escusado falar em pacificação!... Os ânimos não se pacificaram com discursos... nem com promessas vagas é com obras dentro das normas da justiça. Dar a uns e não dar a outros, quando os direitos são iguais, preferir os que têm menos direitos aos que têm mais... pode significar: posso, quero e mando, mas não é pacificar, mesmo quando os desprezados se calam! Calam-se porque se convencem de que bradam no deserto; mas, interiormente estão revoltados. Nas lutas políticas deste concelho há prejuízos materiais e morais. De um lado a luta frontal com responsabilidade assumida; e do outro, a luta anónima e caluniadora dos pasquins. A culpa não pertence a ninguém porque fica sempre solteirinha... Mas

Salvé 29-8-62

Passa o seu aniversário natalício na próxima quarta-feira, dia 29 o nosso particular amigo Snr. Manuel Martins Fernandes, ilustre funcionário nos Paços dos Duques de Bragança, em Guimarães, e Presidente do C.A.T. da Modelar, onde tantos bons serviços tem prestado.

Ao ilustre aniversariante todos os seus antigos colegas lhe desejam felicidades e fazem votos por um breve progresso na sua carreira.

Tribuna Livre igualmente cumprimenta este ilustre funcionário desejando-lhe muitas felicidades e que esta data se prolongue por muitos anos no seio de toda a família.

Aniversário

Passa na próxima terça-feira dia 28 o seu aniversário natalício o nosso particular amigo e assinante deste semanário Snr. João Manuel da Costa e Silva, funcionário do «Comércio do Porto» da cidade do Porto.



Por tão faustosa data Tribuna Livre envia-lhe felicidades e faz votos que esta se prolongue por muitos anos na companhia da sua esposa e filha.

os responsáveis dos prejuízos têm de dar contas a Deus. Já pensaram nisso? Pois devem pensar!...

Além dos prejuízos materiais houve calúnias, insultos, verbais e por escrito, fortemente escandalosos... Quem repara estes males? Ninguém? Então esperem! Deus não dorme!... Saudações do V. J. Moreira.

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Visado pela censura

CAIRES

Batismo

Foi solenemente baptizada a simpática Menina Aida Manuela Rocha de Sousa, filha mui estremecida do Snr. José Albino de Sousa, Serra-lheiro Mecânico da Hica, e Zulmira de Jesus Macedo da Rocha, do lugar do Freixeiro.

VIDA ELEGANTE

Aniversários

Fazem anos:

Dia 29—Wanda Maria Mendonça Calheiros.

Dia 30—Os Snrs. Joaquim Ferreira dos Santos e António M. de Oliveira e Silva.

Dia 31—A menina Aurora Maria da Silva Dias

Aniversário

Passa o seu aniversário natalício na próxima Sexta-feira dia 31, a nossa assinante, Snr.ª D. Maria Manuela Pinheiro de Almeida Calheiros filha do nosso ilustre amigo e colaborador deste jornal Snr. Francisco Calheiros de Abreu (UERBA).

Por tão faustosa data Tribuna Livre cumprimenta a ilustre senhora e faz votos que esta se prolongue por intermináveis anos na companhia de seu marido e filhos.

Aniversário Natalício

Passa hoje, dia 25 mais um aniversário natalício o Ex.º Senhor Narciso José Gonçalves, Secretário de Finanças e Subchefe da Secção da cidade e concelho de Barcelos.

Dotado de óptimo carácter e vivendo inteiramente para os três filhinhos e esposa, o Senhor Gonçalves, mercê da inteligência e afaabilidade de trato que tanto o distinguem, quer para com os subordinados que trabalham sob a sua orientação, quer para os inúmeros contribuintes que, dia a dia, esclarece nas complexas questões do fisco, vem grangeando muitas simpatias nesta cidade.

Parabéns e prosperidades!

Um Barcelense

Tribuna Livre que sempre sabe distinguir os seus colaboradores e amigos, principalmente os filhos desta terra, envia-lhe muitas felicidades e faz votos por óptimos progressos na sua carreira.

Foram padrinhos o Snr. Francisco Machado Duarte, Proposto de Tesoureiro da Fazenda Pública, em Amares, e a sua noiva Aida Macedo da Rocha, tia materna da neófita. A Manuelita, a seus pais, avós e padrinhos, desejamos mil felicidades em Deus.

Casamento

Hoje realiza-se em a nossa Igreja Matriz, o auspicioso enlace matrimonial do Senhor Carlos Augusto Brandaõ, do lugar das Pousadas, com a gentil Menina Luiza Maria Gama, proprietária da Casa Seramil, do lugar da Igreja. São dotados de grandes qualidades de trabalho, honra e dignidade, pelo que lhe anguramos um futuro próspero e feliz e uma longa e eterna Lua de Mel.

Passeio turístico

Demos a volta ao Minho. As belezas de Monção, Melgaço, São Gregório e Nossa Senhora da Peneda pelo Alto Minho, são dignas de se ver e mal se podem descrever. Quem poder, aprecie, este passeio encantador do Belo Horrivel.

Para o mar

Encontram-se na praia da Póvoa do Varzim, o Senhor Manuel José Antunes de Almeida, D. Maria Dulce Guimarães e sua família de Caires e Goães, bem como a família de Adelino de Carvalho do lugar da Cal, afim de se curarem dos seus males; que venham todos curados são os votos, e a todos desejamos longa vida.

Chegadas

Vindos de Luanda (Angola) chegaram a esta sua terra natal, os três irmãos da Casa do Padrão: Plácido, António e José (Zeca) que vieram com as suas Ex.ªs esposas e filhinhos; que sejam bem-vindos e a todos desejamos muita saúde, muita graça e muita massa.

Ausente

Em passeio turístico pelo Estrangeiro, encontra-se ausente até ao dia 12 de Setembro, o nosso colega e amigo P.º Luiz de Almeida. Felicidades.

Aniversários

Felicidades ao Snr. Américo Dias Pisão, Maria Lucília de Macedo Martins, Adelino Silva, Joaquim Batista e Narciso José Gonçalves. Parabéns. — C.

UM PRÍNCIPE na mina de carvão

(Continuação da 1.ª página)

les conhecimento pessoal.

É certo que o príncipe espanhol pertence ainda àquele tipo de príncipes que não se julgam diferentes do povo, mas apenas cidadãos em plano diferente da mesma República — a República que tinha dantes uma significação semelhante à que tem hoje a palavra Estado.

Em todos os tempos, naturalmente, haverá quem tenha de trabalhar nas minas, ainda que não seja senão a mover autómatos por meio de máquinas electrónicas de comandos a distância, e quem tenha de se interessar pelas questões supremas do Estado, como são as da Política, da Administração e da Diplomacia.

Seja por nascimento, ou por ascensão social, ou por facilidades de riqueza, ou simplesmente pelo mérito, mas há-de haver sempre príncipes, ainda

Tribuna de Vieira

Carta de Ruivães

Continuação da 6.ª página

facinoras, comandados por oficiais estrangeiros e armados por alguns países da Nato, procuraram, a todo o transe, dominar pelo terror, pelo sadismo e pela ferocidade. Enganaram-se, porém, os sicários, pois bem podiam saber que o nosso soldado, embora generoso, é valente, destemido e patriota.

Mas onde estão os nossos aliados, os nossos amigos de... Peniche?

Uns meteram-se na concha e, outros deram razão aos agressores!

Mas nem porisso o sangue nos morreu nas veias.

Lutamos sozinhos em Angola e lutaremos onde for preciso, não para enriquecer o nosso património, mas para defender o que construímos, civilizamos e povoamos.

D. João de Castro empenhou as barbas para arranjar fundos indispensáveis à defesa de uma parcela do nosso território ultramarino. Pois nós, os portugueses de agora, venderemos a própria camisa para que nada falte aos nossos soldados que lutam por um Portugal uno e indivisível.

Teremos de continuar a lutar sós? É possível, mas a alma lusitana há-de ficar nimbada de glória no fim desta luta macabra, em que o poder das trevas pretende extinguir e espesinhar os que se batem por Deus, pela Pátria e pela família. A nossa causa é justa e Deus há-de estar connosco.

Em frente é que é o caminho.

Amadeu César

que tenham outros nomes. O famoso André Vichinsky, que foi um dos mais categorizados dirigentes soviéticos, quando morreu foi encerrado numa urna que custou quatrocentos contos. Quer-se acto mais caracteristicamente principesco do que este?

A palavra *príncipe* quer dizer: primeiro, chefe, principal. Não se liga por força a condições de nascimento. Quando, portanto, digo que sempre haverá príncipes, quero dizer que sempre haverá primeiros, sempre haverá chefes, sempre há-de haver principais. Apesar de todas as promessas, ainda não se viu que pudesse deixar de ser assim.

O importante — e aqui volto ao príncipe espanhol — é que haja entre todos os componentes de uma comunidade, a familiar, a nacional, a humana, um sentimento de igualdade e de solidariedade. De igualdade que não é a das funções — mas a da qualidade humana e da cidadania. Isto é muito importante entre nós, porque toda a preocupação de cada português é ser — não igual aos outros. É ser — mais do que os outros. É ter privilégios. Desde o de entrar de graça num cinema, até o de poder estacionar o carro onde os outros é proibido. Todos queremos ser importantes e evidenciar bem a nossa importância.

O mal não é só nosso. Há pouco, na Rússia, o Governo comunista teve de intervir para estabelecer nos próprios cursos universitários períodos de trabalho manual, em que os estudantes convivessem com os trabalhadores. Porque os filhos dos proprietários tornados magnates do partido, os filhos dos dirigentes da administração, das indústrias, dos bancos e da política, já olhavam com desprezo os trabalhadores.

Nos países ocidentais, são precisamente os que conservam algumas estruturas da tradição os que mantêm um convívio geral digamos mais democrático. Citemos o caso da Holanda, em que a Rainha sai sozinha, como qualquer simples dona de casa, a fazer compras e as Princesas vão à escola

oficial, sozinhas, de bicicleta.

Entre nós, haverá muita gente que diga concordar: Sim, senhores, assim é que é. Mas amanhã já não serão capazes de ir ao mercado (*isso é com as crianças!*) e mandam os meninos à escola no automóvel acompanhados do *chauffeur*.

A Mocidade Portuguesa poderia ter sido entre nós um instrumento de educação neste sentido, que chamo *democrático*, de convívio igualitário. Poderia ter sido e poderá ser ainda. Como quer que seja, é indispensável criar entre os portugueses, ou restituir-lhes, uma consciência de comunidade, que não tem sido favorecida, nem pelos nossos vícios de pessoas todas muito importantes, nem pelos vícios públicos, entre os quais o dos bairros de trabalhadores e da divisão das cidades em zonas de ricos e zonas de pobres.

Há para aí quem diga que nós precisamos de diálogo. Talvez. Mas eu direi antes, nós precisamos de convívio, de convívio fraternal, de consciência de comunidade. E se, por causa do que eu digo, tentarem chamar-me nozes, já tenho aqui com que me defender: atiro-lhes à cara com um príncipe espanhol! — ANI.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

«O Problema da Prostituição»

Pela Snr.ª D. Maria José Vahia de Lima Sousa Pinto, presidente da Obra de Recuperação de Mulheres. Editado pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, é um trabalho do mais alto interesse social e humano.

À venda nas principais livrarias, ou pedido à Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Rua de Santa Catarina, 108

PORTO

CUSTO:—10\$00

Com os indíginas de Angola

(Continuação da 1.ª página)

e às largatas; acompanhá-los a pé, durante dias e durante semanas, nas suas intermináveis deslocações; saber-lhes captar-lhes a confiança; aprender mesmo algo do seu estranho idioma de estalidos, eis, porém, o que não poderá deixar de tentar esse aventureiro jornalista «double» de homem de ciência, que também na complexa pessoa de João Fal-

cato — eis o que talvez venha a ser a base de algum dos seus livros futuros.

Outras narrativas suas, bom seria que as lessem todos os que imaginam que somente as diferenças de grau da educação e de cultura separam dos brancos os negros. A este respeito, é particularmente elucidativo e curioso o capítulo consagrado à escravatura entre os indíginas, em que aparecem essas incompreensíveis criaturas (incompreensíveis aos nossos olhos e para a nossa mentalidade de europeus) que voluntariamente se constituem escravas para não terem de tratar de si próprios — para que outros (os donos) delas cuidem e as alimentem, em troca de algum trabalho.

Já noutra aspecto, são por igual curiosíssimas as páginas consagradas ao «tabu da soga», comum a quase todas as tribus bantus — e outras, ainda, e outras, porque, na verdade, interessantíssimo empolgante, mesmo, é todo o livro afinal. — ANI.

Em férias

Tivemos o prazer da sua visita à nossa redacção do Snr. Acácio Dias de Magalhães, ilustre assinante deste semanário, que de França regressa à sua Terra natal onde veio passar umas bem merecidas férias.

Entregou 100\$00 para as obras do nosso Hospital, o que agradecemos em nome da Direcção, formulando votos para que mesmo em França quando para lá tornar nunca esqueça o seu Concelho e as suas instituições de beneficência.

Senhora do Porto

PORTO D'AVE — PÓVOA DE LANHOSO

Grande Romaria nos dias 1 e 2 de Setembro de 1962

As novenas começam no dia 24 de Agosto às 9 horas

Dia 1 de Setembro

De manhã conclusão da novena e confesso.

A's 12 horas — Fogo. Entrada de uma banda de música

A' Tarde — Concerto Musical.

A' Noite — Grandiosa Procissão de Velas

Música — Fogo — Iluminação.

Dia 2 de Setembro

A's 7 horas — Missa rezada — Comunhão geral.

A's 10,30 — Missa cantada a grande instrumental e sermão.

A's 16,30 — Missa vespertina e comunhão.

A's 17 horas — Majestosa Procissão — Duas bandas de música — Vistosos andores — Muitos anjinhos e figuras alegóricas.

À NOITE:

Lindíssimas iluminações eléctricas

Concerto das Bandas

A' meia noite — Deslumbrante sessão de fogo de artifício

Gente do Norte — Todos a Porto d'Ave no dia 2 de Setembro

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A MODELAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(Continuação do número anterior)

Grassava a este tempo pela redondeza uma perigosa quadrilha, chamada dos «Mariajoanas» que executava impune as suas proezas, até que um dia, um fio de azeite a correr pelos regatos, de umas talhas escondidas em uma mina em lugar alto da freguesia, porque os pingos da água, que caíam do tecto da gruta, fizeram trasbordar o precioso líquido, denunciou os malfeteiros que foram julgados e deportados.

José do Rego tinha tentado caça-los em flagrante. Para tanto, tinha mandado fabricar uma monumental ratoeira como as que existiam para os ratões. Era daquelas que uma mola fazia apertar entre os dentes afiados de duas hastes ovais, ou circulares, o rato que calcasse a alavanca disparadora. Esta, porém, o desgraçado que lá caísse, só depois que o dono viesse com a chave, é que poderia sair da crítica situação.

Não consta que nela fosse apanhado qualquer rato de vinte unhas. Andavam bem informados.

No expólio de José do Rego foi vendida, salvo erro para Goães, a curiosa armadilha que nunca chegou a dar o esperado efeito.

Mas, como se ia dizendo, José do Rego não deixou de se intimidar com as ameaças que José do Rego vivera atormentado pela perseguição dos gatunos prova-o a congeminação e execução da dita ratoeira gigantesca. Que aqueles lhe espreitavam cuidadosamente todos os movimentos de defesa, está certo porque ela nunca produziu os seus efeitos.

Que os parentes, relativamente afastados, queriam ser herdeiros à força, foi o caso que, não se dando por satisfeitos com a bouça partida em partes iguais entre eles, demandaram a Irmandade até à última instância e só então se deram por vencidos.

A vasta livraria, distribuída por varias estantes na sala isolada da habitação, toda de natureza religiosa e enviada de antigos frades existentes na casa, coube sem discussão ao padre Bernardo de Freitas de S. Mateus da Ribeira, o última dos párocos encomendados que curou a freguesia na ausência do Abade José Martins que uma meia dúzia de anos antes abalara para o Brasil com muitos outros por motivo da sua dedicação ao antigo regime.

Antes de embarcar na Galiza, foi nesta casa do Rego que ele permaneceu escondido algum tempo, e era naquela referida sala que celebrava missa.

O padre Bernardo foi, por conseguinte, quem esteve na cabeceira do leito do Rego, e lhe assistiu à morte. Os livros seguiram logo, e sem qualquer discrepância para a residência paroquial, carregados em cestos à cabeça das mulheres que os transportaram em constante vaivem.

Corria demanda com a Confraria e, entretanto, se enervados os ânimos políticos dos exaltados republicanos, ou mortos alguns dos que haviam dado caça aos padres, o abade Martins estava de volta do Brasil e, hospedado, primeiro em Braga e depois na casa do Marcelino, que fora seu companheiro de exílio, trabalhava por retomar a posse da freguesia que havia ganho por concurso.

Os paroquianos, sempre tão unidos e pacatos, dividiram-se em partidos, uns pelo bondoso padre Freitas a quem se tinham afeiçoado, outros pelo recém-chegado abade Martins, polido e elegante, esbelto como a sua bengala de pau-santo com castão de prata; grande calva ruizente, apesar dos seus quarenta e poucos anos, mostrando os dentes de ouro brasileiro, falando o idioma melodioso donde se percebia que demorava para lá do Atlântico, espalhando entre amigos simpatias que irradiavam da sua inteligência.

Por seu lado, o padre Freitas, embora chorado por seus partidários, teve de abandonar a freguesia. Passou-se para a Ribeira de Homem e levou os livros. Falando alguns anos depois, sabe-se que a livraria do Rego encontra-se há bastante tempo na posse do senhor Dantas, em Terras de Bouro.

Então, o abade Martins reformou a residência, mandou construir a escada e alpendre da entrada, o qual foi durante o bom par de anos que aí se conservou, até regressar para Cartém, o seu posto de observação e de descanso, fora as muitas vezes que, embora queixando-se da caminhada, descia à estrada e ia cavaguear para a «Bra-

(Continua no próximo número)

Saudades de Peyroteo...

(Continuação da 6.ª página)

brasileiro Osvaldo Silva — o homem que conseguiu marcar os tentos suficientes para que o modesto Leixões não só ganhasse a «Taça de Portugal» como fizesse figura de tomba-gigantes no torneio europeu da «Taça dos Vencedores das Taças»; outro, com provas dadas no ano passado, é o jovem Mascarenhas, que é um avançado-centro nato e que ainda virá a dar que falar; o terceiro, outro jovem, é Carlos Manuel.

Qualquer dos três ingressou este ano no Sporting e qualquer deles estaria destinado a ocupar o lugar de artilheiro da equipa. Mas o facto é que dos seus pés não estão a vir os golos que se esperavam...

E por isso mesmo veio, mais forte do que nunca, a lembrança — ou melhor: a saudade de Peyroteo, aquele jovem que chegou a Lisboa com um ar descontraído, vindo de Lourenço Marques, e que nunca mais saiu da memória de todos os desportistas.

Enquanto o futebel começa a dar os primeiros passos do novo ano, os desportos de mar continuam em plena florescência. E vai agora haver na zona de Lisboa, tendo como cenário a bela baía de Cascais, a mais importante concentração jamais realizada de velejadores da mais nobre classe — a dos «stars», os chamados «galgos do mar».

Disputam-se três campeonatos: o Mundial e o Europeu-Norte-Africano. Presentes os maiores velejadores da modalidade, desde o campeão mundial de 1961, que é norte-americano, ao campeão olímpico de Roma, que é russo, e ao campeão europeu do ano passado, que é sueco.

Presentes, igualmente, os maiores velejadores portugueses da modalidade: os irmãos Quina, os irmãos Belo e a parelha Fiuza-Mendonça — todos eles com títulos nacionais e internacionais.

Pela quantidade das inscrições, pela quantidade dos concorrentes, pela certeza das condições ideais que Cascais oferece para a prática da vela, por tudo isto se pode considerar este acontecimento o mais importante da vida desportiva portuguesa, nos últimos anos.

Na sua totalidade, os velejadores de Portugal que vão concorrer foram formados na mesma escola. E se é possível reunir em Portugal esses «ases» da vela mundial deve-se tudo isso

XXXI

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

Sempre meticuloso em todos os seus actos, públicos e particulares, Afonso de Albuquerque preparou a sua partida de tal forma que quase não se deu pelo seu embarque, pois quis, assim, obstar a uma despedida em massa, de lágrimas e de saudade...

Escolhera, prepositadamente, a hora da sesta — em que a maior parte dos habitantes da cidade se refugiavam do excessivo calor num sono reparador — para abandonar Ormuz, para sempre, pois a doença e os desgostos, que o aguardavam no decurso da viagem, embora contra a sua expectativa, foram-no aproximando do fim.

Iniciou-se a longa e incómoda viagem, sem qualquer manifestação, oficial ou particular, sem alarde, em silêncio.

Só o rei Turuxa e alguns íntimos amigos de Afonso de Albuquerque foram levar ao Vice-Rei o grande abraço de despedida e de comodora e de impericível tristeza.

Depois da largada da pequena esquadra, a notícia da partida do Vice-Rei, acometido de doença que inspirava sérios cuidados, propagou-se rapidamente por toda a cidade de Ormuz, e os habitantes, sem distinção de raça e de cor, foram surpreendidos por uma onda, de legítimas preocupações pelo seu futuro.

É que o povo, de todas as camadas sociais, perdia — com a morte do grande Vice-Rei — o seu melhor e desvelado protector e amigo.

Dali em diante, o futuro para aquela densa população, apresentava-se carregado de negras cores, pois o novo Vice-Rei, quando fosse nomeado e tomasse posse do governo, podia não a defender com aquele carinho e interesse com que sempre o grande Afonso de Albuquerque a tratou.

Apesar da mudança de ares,

ao punhado de homens que há vinte e cinco anos, num barracão do Dafundo, iniciaram verdadeiramente a prática da vela desportiva em Portugal; aquele velho barracão da Mocidade Portuguesa, que tem dado em tantas modalidades os campeões a quem o público mais quer.

Gostará de ver a reunião dos «stars» em Cascais quem, de um forte próximo, poderá fazer a comparação entre a movimentada regata de dezenas de embarcações e os tempos em que lhe fazia pena o Tejo deserto de velas e os «cafés» cheios de uma mocidade inútil, que discutia os mistérios da baixa política...

a doença continuava a fazer estragos naquele organismo, que poucos meses antes, fazia tremer a Índia e assombrava o mundo.

A viagem fazia-se em condições normais e o navio chefe, já no alto mar chegou á fala com um navio mouro que procedia de Dabul e Afonso de Albuquerque mandou perguntar se já teria chegado a Armada portuguesa do Reino, que era esperada.

O capitão do navio estrangeiro, ao ser interpolado, informou que já havia chegado de Lisboa e que nela viera o novo Vice-Rei.

Afonso de Albuquerque ao ter conhecimento da chegada da Armada e do seu substituto no governo do Império que com o seu extraordinário génio e a sua inagualável audácia fundara, agravaram-se os seus padecimentos morais e físicos e os primeiros não eram menores que os segundos.

Em tal estado de abatimento moral e físico, o insigne patriota e devotado cristão, fez um largo e profundo exame de consciência.

Ao terminar esse minucioso e exaustivo exame chegou à satisfatória conclusão que os seus numerosos altos feitos superavam de longe os ligeiros deslizes que cometera nos múltiplos e rudes trabalhos que enfrentara durante toda a sua permanência na Índia.

E em dolorosas e amargas cogitações, estabeleceu um paralelo entre os seus rudes e patrióticos trabalhos, no período de nove anos, e a mal agradecida atitude que El-Rei tomou, substituindo-o por outro nas altas funções que tão portugalmente desempenhava no Oriente e que lhe acarretaram algumas e torpes inimizades. E num legítimo e profundo desabafo comentou, com desapontamento e tristeza, perante os seus companheiros que o rodeavam, que eram outros tantos amigos:

«Mal com El-Rei por amor dos homens e mal com os homens por amor de El-Rei».

(Continua no próximo número)

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Auxiliai os Bombeiros V, de Amares

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

De novo a Onu, ás ordens de Moscovo, investe contra Portugal, pedindo, melhor, exigindo a imediata independência da nossa província de Moçambique e que humilhantes sanções nos sejam aplicadas.

A América do Norte e a Inglaterra não concordaram com o critério leproso dos próceres de uma liberdade fementida e vêsga, mas a sua não concordância não se revestiu daquela enérgica intransigência que casos destes requerem.

E o matreirão de Kruchof, sabendo tirar partido de tudo, vai alargando a esfera de influencia Russa, deixando os ocidentais a ver navios.

Que autoridade têm certos povos afro-asiáticos para virem exigir a independência das nossas províncias ultramarinas, ás quais nunca frutaram serviços, que não descobriram, que não cristianizaram, que não civilizaram e que estão muito mais civilizadas e actualizadas do que esses que pretendem esbulhar-nos daquilo que é obra do génio lusitana e da Igreja católica?

Os ocidentais, a continuarem no caminho que têm levado, estão a preparar a sua derrocada e quem lucra com esta é a Rússia, cuja persistência e tenacidade estão na razão directa da palermice daqueles.

Goa foi-nos arrebatada pelos facinoras indianos; e as nossas aliadas Inglaterra e América do Norte, assiaticamente, votaram contra nós. A primeira porque entre a razão e a comunidade, decidiu deixar espolar o seu mais velho e lial

aliado, preferindo ficar ao lado do opressor, de vampiro, do cínico; e a segunda porque pensava ir vender muitas armas, muitas munições e muitos aviões ao descarado Pandita.

Mas este deu-lhe com os pratos na cara, pois que com os próprios dólares que a América lhe emprestou foi encomendar á Rússia o que a América pretendia vender-lhe. Pois nem assim o senhor Kennedy se deu por satisfeito.

Mandou a sua própria esposa levar a sua mensagem de amizade e ternura ao ho-

mem que acabava de escravizar um povo onde o nível de vida era incomparavelmente superior ao indiano!

Por princípio, sou contra as guerras, pois mal se concebe que os homens do século XX ainda usem desse meio para fazerem valer os seus direitos; mas se a guerra tem de se dar, e a caminhar-se desta forma, ela é inevitável, vamos então para ela, pois que o mundo não pode nem deve continuar nesta tensão nervosa, neste mal estar permanente.

Em guerra já se encontra Portugal, e o sangue inocente dos seus filhos está correndo

(Continua na 4.ª página)

Tribuna de Vila Verde

O Quartel dos Bombeiros Voluntários e o Plano de Urbanização da Sede do concelho

O arquitecto encarregado da elaboração do projecto da urbanização da sede do concelho, entendeu localizar o edifício do futuro «Palácio da Justiça», à entrada da Av.ª Prof. Machado Vilela, no sítio onde está instalado o Quartel dos Bombeiros Voluntários, construído há cerca de 4 anos.

Essa sugestão mereceu a aprovação do construtor técnico do município e vai ser objecto de estudo nos serviços da Direcção Geral da Justiça, pelo que está agora dependente do seu parecer, a localização definitiva.

A dar-se porém a confirmação, terá a Associação Humanitária dos Bombeiros des-

ta Vila de mandar construir outro Quartel em novo local, parecendo-nos solução viável, fazê-lo no terreno camarário fronteiro à Cadeia da Comarca.

Sabe-se que esse terreno está dentro da zona de protecção, interdito por isso à construção, mas o edifício em causa não está abrangido pelas disposições legais, visto não se tratar de habitação.

Com essa construção, resolveria a Câmara um problema que se arrasta há tantos anos, conseguindo embelezar com um imóvel decente o terminus da referida Avenida, onde actualmente se apascentam gados, secam roupas e ate se depositam lixos. — C.

Saudades de Peyroteo...

Há duas décadas, «grosso modo», chegou a Lisboa um rapaz de feições largas, cabeleira negra tufada e um «ar descontraído», como hoje se diria, para ingressar na equipa do Sporting Clube de Portugal.

Fernando Peyroteo se chamava. E em pouco tempo conquistou mesmo aqueles que não gostavam do seu modo de jogar. Era um ariete, um tanque, uma espinha cravada na defesa contrária. Poderia não ter alto valor técnico, como muitos afirmavam — mas marcava golos.

Ora a figura do jogador que abandonou o futebol quando ainda estava na pujança das duas qualidades, e que por isso mesmo continua a viver na recordação de todos, foi lembrada agora. O Sporting, uma vez mais, vai este ano disputar, com a Benfica, a grande prova da superioridade do futebol português. E para

isso precisa necessariamente de um jogador que lhe resolva os encontros, que marque tentos, que faça subir o marcador.

A temporada abriu, para os campeões de Portugal com dois jogos disputados na Espanha: os dois encontros para o torneio internacional promovido, em Elche, pelo clube local. E em dois encontros o Sporting meteu dois golos — um por desafio. E, se é certo que a sua defesa só uma vez foi batida, a verdade é que a soma geral de 2-1 não lhe chegou para trazer para Lisboa o belo trofeu que o Elche, tendo batido mais copiosamente o terceiro concorrente, o Racing de Estrasburgo, fez ingressar na sua sala das taças.

Ora o mais notável é que o Sporting conta, neste momento, com três jogadores que são artilheiros natos. Um deles, já calejado, é o

(Continua na 5.ª página)

VERSOS DE RAPAZ

S ó

Eu estava tão só junto á reprêsa
A ver cair a água lá da altura,
Em fêrvidos cachões, na profundeza
Deste rio que corre entre verdura!

E quando me enlevava na grandeza
Destes sítios de tanta formosura,
Vi desfazer-se a nuvem da tristeza
Que me ocultava a imagem da ventura!

É que pensei em ti, e tu vieste,
Vaporosa visão de olhar celeste,
Impalpavel, sentar-se á minha beira.

Ó meu longínquo amor! sonho ou quimera,
Eu via-te reall... Ail quem me dera
Passar assim, sonhando, a vida inteira!

UERBA

PADRE JOSÉ DE MATOS FERREIRA

Precursor do Padre Martins Capela, na investigação da antiguidade romana da Geira

D. S.

trada com o título de Cidade Augusta e Primaz; nas virtudes a santidade tanto se esmerou que leva vantagem ás mais católicas cidades, regando-a com preciosas correntes immensos Martires; illustrando-a com magnificas virtudes hum grande coro de Confessores; e esmaltando-a, como brilhantes e preciosas pedras, hum sem numero de Virgens que não só cercarão a cabeça com a preciosa coroa de Angelicas, mas ornarão o pescoço com o rubicundo fio que a sacrilega espada lhes teceu.

Ó Braga, quanto te podes jactar de seres a mais famosa e illustre cidade de Hespanha, tendo na santidade tão beneméritos filhos; e que direi de ti agora, se quiser copiar a tua ciência com a qual illustrastes tantos Herois, quantos são os escritores filhos tens, que basta só para crédito o grande historiador João de Barros, alem do famoso Paulo Orosio, Abundio Avito, e outros muytos que em Braga florecerão.

Não foi menos, ou menor credito que adquiristes pelas armas, pois nellas procreastes a Dom Gualdim Pais primeyro Mestre Provincial dos Templarios neste Reyno; e Apimano capitão de tão grande animo que entendendo pelos lugares confederados com o povo Romano, destruiu o pretor Manilio com immensa mortandade um poderoso exercito com que sahio a disputar-lhe os passos.

Finalmente no ingenho e delicadeza de todas as mais artes, e sciencias fostes a mais util, e de singular habilidade; na modestia de teus naturais a mais religiosa, por isso em todo o tempo emula das maiores invejas, sinal evidente de tua grandeza, pelas quais bem mos-

tras ser entre as cidades a mais illustre, e entre os astros hum planeta cheio de benevolos luzimentos; pois que com os teus resplendores teus cheio o universo, e admirado o mundo, não menos que a estrela Cesaréa, razão por donde o que antigamente cantou o Poeta, se pode dizer agora novamente de ti:

Micat Brachara inter omnes, Velut inter ignes, Luna minores.

* * *

N.B. — A avaliar pelo amor e dedicação que o autor de *The souro de Braga* devotava à sua cidade natal, pelos sentimentos expressos na «Breve noticia...» que atrás se reproduz, considereei que este exemplo era bem digno de ser conhecido e imitado no que toca ao dever de todo o cidadão honrar e dignificar o mais que puder a sua terra e a sua pátria.

Assim o sugeri ao Il.mo e Rev.mo Senhor Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha, outro dos magnates das Letras que vai no encalço dos que, pelo seu amor ao estudo e à investigação histórica, mais tem honrado e engrandecido a Cidade Augusta e amavelmente correspondem à proposta de que se publicasse o *Thesouro de Braga* no Boletim da Junta Distrital que superiormente dirige.

(FIM)

AUXILIAI

Os Bombeiros Voluntários de

AMARES